

## SOBRE A PREDICAÇÃO EM ARISTÓTELES: COMPOSICIONALIDADE E CORRESPONDÊNCIA

John Karley de Sousa Aquino

### RESUMO

O presente artigo se propõe definir o que é predicação em Aristóteles, como predicamos e qual o critério para determinar se uma predicação é verdadeira ou falsa. Nossas referências serão o livro *Das Categorias*, do capítulo 1 ao 5 e *Da interpretação* do capítulo 1 ao 6. Concluiremos que a teoria da predicação em Aristóteles afirma que definir algo é pregar e que o critério de verdade de uma proposição é a sua correspondência aos fatos.

Palavras-chave: Aristóteles. Predicação. Conhecimento.

### ABSTRACT

This article proposes to define what is preaching in Aristóteles, as have preached and what criteria to determine whether a preaching is true or false. Our references are the book of Categories of Chapter 1 to 5 and the interpretation of Chapter 1 to 6. We conclude that the theory of predication in Aristotle States that define something is preach and that the criterion of truth of a proposition is the correspondence to the facts criterion of validity of a proposition.

Keywords: Aristóteles. Preaching. Knowledge.

### 1 INTRODUÇÃO

A lógica não é *strictu sensu* uma ciência se seguirmos os critérios de Aristóteles para classificação das ciências<sup>1</sup>. A lógica não é uma ciência poética, pois não produz coisa alguma, não é uma ciência prática, pois não visa à atividade que gera a excelência do agente (ética ou política) e nem é uma ciência teórica, pois não é uma ciência *autotélica*, que tem como finalidade o saber em si mesmo. A lógica é um instrumento (*organon*) que nos permite organizar o pensamento e a linguagem para descrevermos a realidade, ou seja, a lógica não trata das coisas, mas de como devemos descrever (ou demonstrar) as coisas (ARISTÓTELES: 2004, I 2 71b 9). Em síntese: a lógica estabelece a estrutura do discurso científico, demonstrativo.

---

<sup>1</sup> Metafísica livro E 1026a 6, Tópicos livro VI 145a 15.

Aristóteles, conforme os registros historiográficos (REALE: 2007, pág. 144), é considerado o fundador da lógica, estabelecendo a nomenclatura filosófica para a lógica<sup>2</sup>.

O *Organon*, não foi elaborado como uma obra única por Aristóteles, mas por seus sucessores, inclusive Aristóteles não foi o responsável por denominar a lógica de lógica,

O termo lógica não foi usado por Aristóteles para designar o que nós hoje entendemos por ele. O termo remonta à época de Cícero (e talvez seja de origem estoica), mas provavelmente só veio a consolidar-se com Alexandre. O Estagirita chamava ao invés, a lógica de 'analítica', e *analíticos* são intitulados os escritos fundamentais do *Organon* (REALE: 2007, pág. 142).

No *Organon* há dois livros que serão as referências bibliográficas da presente pesquisa, a saber, o *Das Categorias* e o *Da interpretação*. O primeiro estabelece que entre as coisas que dissemos umas são ditas por composição e outras não, e aborda quais são as coisas ditas sem composição, as categorias ou predicados. O segundo livro aborda as coisas que são ditas em composição, as proposições, mais especificamente as proposições assertóricas, que são as proposições que negam ou afirmam algo de algo. A partir da leitura de determinados capítulos destes livros nossa pesquisa abordará o que significa predicação em Aristóteles.

O **objetivo geral** deste artigo é definir em linhas gerais o que é a predicação em Aristóteles e qual o critério para determinar a verdade de uma preposição assertórica. Como **objetivos específicos** o presente artigo propõe expor para desenvolver o objetivo geral o seguinte: (1) esclarecer os modos de dizer a substância, (2) expor as 10 categorias que compõem a tábua das categorias, (3) analisar a categoria de substância e (4) determinar o que é uma definição e o critério de verdade de uma definição.

Nossas **referências bibliográficas** serão o livro *Das Categorias*, do capítulo 1 ao 5 e *Da interpretação* do capítulo 1 ao 6.

## 2 SUBSTÂNCIA, GÊNERO E ESPÉCIE

---

<sup>2</sup> “Só essa descoberta bastaria para dar a Aristóteles um dos primeiríssimos lugares na história do pensamento ocidental” (REALE: 2007, pág. 144).

No livro *Categorias*, Aristóteles define o que são as categorias separadamente, isto é, sem combinação umas com as outras. Mas o que é uma categoria? Antes de nos determos nessa questão definamos o que é a substância e seus modos conforme a exposição de Aristóteles nos parágrafos iniciais da *Categorias*.

As substâncias (i.e., as coisas) podem ser *homônimas*, que significa que são semelhantes, mas não as mesmas, como o homem e o cachorro, que são semelhantes por serem animais, mas não são a mesma coisa. As substâncias também podem ser *sinônimas*, quando são idênticas, possuindo a mesma essência, por exemplo, o animal que tanto pode ser o homem quanto pode ser o cachorro, pois “se alguém quiser dar a definição de cada um deles, dizendo o que é para cada um deles ser animal, dará a mesma definição” (ARISTÓTELES: 2000, 1, 1a 10), ou seja, tanto o homem quanto o cachorro são sinônimos de animal. E, por fim, as coisas podem ser *parônimas* quando derivam sua substância de outra (fazendo referência), “aquilo que, diferenciando de algo pelo caso, denominado por associação com esse nome (...)” (ARISTÓTELES: 2000, 1, 1a 10-15), como por exemplo, o cavaleiro, que deriva de cavalo o que caracteriza uma paronímia.

Para Aristóteles o que é (*tí estin*) pode ser dito, i.e., definido (*horismós*). O que pode ser definido para Aristóteles são “as coisas que são” (ARISTÓTELES: 2000, 1, 20) e dentre as coisas que são elas podem ser (1) substâncias segundas, (2) acidentes, (3) acidentes substanciais e (4) substâncias primeiras. Tudo o que é o é nesses modos. São substâncias segundas o que “dizem-se de um sujeito, não estando em nenhum sujeito” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1a 20-25), é o *universal* que para Aristóteles somente existe no sujeito e não existe em si mesmo. São acidentes aquilo que “estando num sujeito, mas não se dizem de nenhum sujeito” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1a 20-25), é a contingência que não altera a essência da coisa. São acidentes substanciais as coisas que “dizem-se de um sujeito e estão num sujeito (...)” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1b 25) e isso constitui sua essência, sua definição, como por exemplo, a essência do homem, que é animal racional (essa é a definição da espécie humana) e por fim a substância primeira, que não é predicado, mas sempre sujeito, pois “nem está num sujeito nem se diz do sujeito (...), em suma, as coisas indivisíveis (*ἄτομος*) e numericamente unas, não são ditas de nenhum sujeito” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1b 5-10). A substância primeira é o substrato (*ὑποκείμενον*) aquilo de que se fala e o que única e exclusivamente existe de fato.

Toda proposição válida (i.e., assertórica) se dá mediante a composição de um sujeito, que é a substância primeira e dos seus predicados, que são o universal, o acidente e a essência.

Quando predicamos algo com um predicado que possui predicado, o predicado do predicado também é atribuído ao sujeito, por exemplo, quando declaramos “Sócrates é homem”, o predicado homem também possui um predicado, o de “animal racional”, de modo que a pergunta “o que é o homem”, respondemos “o homem é um animal racional”, conseqüentemente se Sócrates é homem, Sócrates é um animal racional, “quando algo é predicado de outra coisa como de um sujeito, todas as coisas que são ditas do predicado serão também ditas do sujeito” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1b 10). Desse modo Aristóteles levanta a questão dos gêneros e espécies, sendo o gênero o universal e a espécie o particular, assim o gênero se divide em espécies e uma espécie pode ser o gênero de outras espécies, por exemplo, *animal* é o gênero para as espécies *racional* e *irracional*, até que alcancemos a espécie que não é mais divisível, que não pode ser gênero, i.e., o indivisível. Todo gênero é divisível em espécies, algumas espécies são gêneros, mas nenhum átomo é gênero.

Sendo um gênero universal, um gênero é distinto de outro gênero e não subordinado, por exemplo, o gênero racional não é idêntico ou subordinado ao irracional, e as espécies do gênero racional conseqüentemente serão distintas das espécies do gênero irracional, pois “sendo os gêneros distintos e não subordinados uns aos outros, as diferenças específicas serão especificamente distintas” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1b 15-20). Por outro lado gêneros que são diferenças específicas do mesmo gênero, como por exemplo, racional e irracional, tem o mesmo predicado, de forma que o homem é racional, e racional é uma espécie do gênero animal, conseqüentemente o homem é tanto animal quanto racional, pois um dos seus predicados é uma espécie de um gênero, “de fato, as diferenças específicas dos gêneros mais elevados são predicados dos gêneros que lhe são subordinados, e assim todas as diferenças específicas são diferenças específicas do predicado serão também diferenças do sujeito” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1b 20-25).

Esclarecida a questão sobre os modos de dizer a substância e as categorias de gênero e espécie, sigamos adiante.

### 3 A TÁBUA DAS CATEGORIAS

Das coisas que dizemos, dizemos de dois modos: ou por composição ou sem composição (ARISTÓTELES: 2000, 2, 1b 15-20). As que se dizem por composição constituem uma linguagem predicativa e as sem composição são as linguagens não-predicativas. Apenas as linguagens predicativas são assertóricas, isto é, sentenciam uma afirmação ou negação, podendo ser verdadeira ou falsa, conseqüentemente as únicas válidas, pois permite que formulemos definições, combinando sujeito e predicado e daí sabermos o que as coisas são, descrevendo a realidade.

As composições são formuladas mediante a combinação das coisas ditas sem composição, que em si mesmas não são nem verdadeiras nem falsas, mas que combinadas umas com as outras são verdadeiras ou falsas. Segundo Aristóteles, cito:

Não dizemos que cada uma das coisas que mencionamos, em si mesma e por si mesma, seja uma afirmação, mas é através da sua combinação umas com as outras que se gera a afirmação. Com efeito, ao que parece, toda afirmação é verdadeira ou falsa, mas de entre as coisas que se dizem sem qualquer ligação, nenhuma é verdadeira ou falsa, como por exemplo, homem, branco, corre, vence (ARISTÓTELES: 2000, 2, 2a 5-10).

Toda declaração válida, isto é, proposição assertórica, se dá mediante a composição das categorias, conseqüentemente todo conhecimento é conhecimento categorial, ou seja, predicativo.

Está claro, portanto, que uma declaração válida é a que combina as categorias entre si, essa é a definição da linguagem predicativa, para Aristóteles a única válida para definir as substâncias, conseqüentemente a única linguagem capaz de descrever a realidade. Conhecer é predicar e predicar é atribuir predicados a um substrato (*hypokeimenon*). As categorias sem relação entre si constituem as categorias e Aristóteles determinou um total de 10 categorias, cito: “de entre as coisas que se dizem sem qualquer ligação, cada uma delas significa substância ou quantidade ou qualidade ou relação ou lugar ou tempo ou posição ou posse ou ação ou paixão” (ARISTÓTELES: 2000, 4, 1b 25). Esse constitui o primeiro quadro de categorias desenvolvido na história da filosofia.

Para Aristóteles mediante a composição (combinação) das categorias somos capazes de formular proposições que expressam uma sentença que pode ser verdadeira ou falsa. Dessas categorias uma não é a rigor, *strictu sensu* uma categoria<sup>3</sup>, pois ela não é um predicado, mas o substrato ao qual é atribuído predicado, a substância. Dito isso, seguiremos adiante e definiremos a substância.

#### 4 A CATEGORIA DA SUBSTÂNCIA

Aristóteles declara que toda proposição válida é resultado da combinação das categorias, mas uma dessas categorias é a categoria central constituindo o núcleo ao qual são atribuídos os predicados, é a categoria da substância. Somente a substância pode ser definida, pois somente a substância “é”, conseqüentemente tudo o que se diz se diz da substância e dentre as substâncias “a substância que é mais própria, a que se diz de modo primeiro e que é mais substância” (ARISTÓTELES: 2000, 2, 2a 10-15), é a substância primeira. A substância primeira é o substrato por excelência, de tal modo que sem a substância primeira nada poderia ser dito, pois tudo que é e pode ser dito ou está na substância ou se diz da substância,

Assim todas as outras coisas ou são ditas da substância primeira como sujeitos, ou estão nestes sujeitos. Desse modo, se não existissem as substâncias primeiras, era impossível haver outra coisa. De fato, todas as coisas ou são ditas deste como sujeito ou estão neste sujeito, de maneira que, se não existissem as substâncias primeiras, era impossível haver qualquer outra coisa (ARISTÓTELES: 2000, 5, 2b 5).

A substância primeira é o substrato, a base sobre a qual todos os predicados se assentam, de tal modo que sem a substância primeira não haveria nada a ser predicado e se não há nada a ser predicado, não existe predicação e conseqüentemente nada existe. A substância primeira é uma coisa indivisível, determinada, específica, “como um certo homem ou um certo cavalo” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 2a 10-15). É a substância primeira que existe e que é predicada.

---

<sup>3</sup> Categoria do grego *κατηγορία* significa predicado, a rigor a substância não seria um predicado, pois a substância não é atribuída a nada, pois tudo é atribuído a ela, ou seja, a substância é a única categoria que não é predicado, mas recebe os predicados (REALE: 2007, pág. 146).

A substância possui características específicas entre as categorias. Aristóteles afirmou acerca da substância que: (1) nem são ditas nem estão num sujeito, pois são o próprio sujeito (diz-se isso da substância primeira), (2) a substância é sinônimo da sua espécie (por exemplo, o homem que é sinônimo de racional), (3) toda substância (primeira) significa algo em si mesmo (por exemplo, Sócrates que significa única e exclusivamente Sócrates, mas o mesmo não se diz do bem que em si, sem está num sujeito, não significa nada), (4) as substâncias não são contraditórias (Sócrates é Sócrates e não é Platão) e (5) A substância não é nem mais nem menos que outra relativamente a si e a outra da mesma substância (por exemplo, tanto Sócrates quanto Platão são homens determinados, um “este homem”, e um não é mais nem menos homem que outro).

Mas a substância ainda possui uma sexta característica, e essa é sua característica fundamental, exclusiva desta categoria, pois somente a substância é assim, a saber, o que lhe é mais próprio enquanto substância, cito:

Mas é aquilo que é, ao que parece mais próprio da substância é o fato de, sendo a mesma e numericamente uma, estar disposta a receber os contrários; de tal maneira que, de entre as coisas que não são substância, não seria possível apresentar alguma coisa que fosse assim, isto é, que sendo numericamente uma, estivesse disposta a receber os contrários” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 4a 10-15).

A substância não é contraditória, mas pode receber os contrários, isto é, pode ser sujeita a predicação de muitas maneiras, das mais diversas, por exemplo, de Sócrates podemos dizer que é mortal, branco, feio, que corre, que descansa, que morreu, que tem uma esposa, etc.

Uma declaração válida deve ser composta de sujeito, cópula e predicado, sendo que a substância sempre ocupará a posição de sujeito e as demais categorias ocuparão a posição de predicado, por exemplo, Sócrates que como substância poderá ser sujeito à predicação de várias maneiras, como a categoria da qualidade, a de quantidade, etc.

O indivisível jamais é predicado, portanto o indivisível sempre é sujeito no enunciado, e conseqüentemente sempre é a substância primeira, de modo que não declaramos que Sócrates é Platão, pois Platão não é predicado, pois é uma

substância indivisível, “da substância primeira não resulta nenhuma predicação, pois ela não é predicado de nenhum sujeito” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 3a 35).

Predicado é o que por ser extenso predica vários sujeitos, portanto o predicado sempre é divisível entre várias coisas, por exemplo, homem que é predicado tanto de Sócrates quanto de Platão, pois homem se entende (é maior, mais universal) por vários sujeitos, do mesmo modo que o gênero é mais extenso que a espécie, de forma que dizemos que o animal é predicado do racional e do irracional, pois se estende por ambos, “a determinação é mais abarcante quando é feita pelo gênero do que quando é feita pela espécie; de fato, dizemos que animal abarca uma extensão mais ampla do que homem” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 3a 20). Conclusão: o maior sempre é predicado do menor, “de entre as substâncias segundas, a espécie é predicado do indivisível, e o gênero da espécie e do indivisível” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 3b).

## 5 PREDICAÇÃO E DEFINIÇÃO

Ora, se *dizer o que as coisas são enquanto são* é definir, uma definição rigorosamente específica significa maior conhecimento do que a coisa é, “que é definir? Mais do que explicar o significado de uma palavra, é determinar o objeto que a palavra indica” (REALE: 2007, pág. 147). Desse modo, não seria falso declarar “o homem é um animal”, mas seria mais correto e verdadeiro declarar “o homem é um animal racional”, i.e., seria mais específico e conseqüentemente mais definido. Quanto mais genérica for nossa declaração, menos definida será nossa descrição sobre a coisa, pois a declaração será muito genérica e pouco específica, portanto muito indefinida e pouco definida e se *dizer o que as coisas são* é definir, quanto mais específica for nossa declaração, mais correta, pois a maior especificidade de um enunciado significa maior exatidão.

A declaração sobre a substância, portanto, é preferencialmente uma declaração sobre a espécie do que do gênero, pois a espécie é mais próxima ao mais definido e mais cognoscível, que é a substância primeira, cito:

De entre as substâncias segundas, a espécie é mais substância do que o gênero, isto porque se encontra mais próxima da substância primeira. De fato, se alguém dizer o que é a substância primeira, di-lo-á mais claro e apropriadamente enunciando a espécie do enunciando



o gênero; como por exemplo, querendo dizer o que é um certo homem, di-lo-á mais claramente mencionando que é homem do que mencionando que é animal – pois uma coisa, i.e., ser homem, é mais próprio de um certo homem e outra, i.e., ser animal, mais comum – e; também, querendo dizer o que é uma árvore, di-lo-á mais claramente enunciando que é árvore do que enunciando que é animal (ARISTÓTELES: 2000, 5, 2b 10).

Se definir é predicar uma coisa, quanto mais predicamos é porque mais definimos e mais dizemos o que as coisas enquanto são. O que é sujeito é definível, portanto, predicável, mas o que não é sujeito não é predicável, por isso para Aristóteles a espécie é sempre sujeito de um gênero, que por sua vez sempre é predicado de uma espécie, ou seja, o gênero sempre é predicado, nunca o predicável (de uma de suas espécies), “pois a espécie é sujeito para o gênero; de fato, o gênero é predicado da espécie, mas as espécies não são predicados do gênero; e é também por estas razões que a espécie é mais substância que o gênero” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 2b 2-25). Por exemplo, podemos dizer do homem que é animal, mas não podemos dizer do gênero animal que é homem (não seria *conversível*),

(...) de fato, se alguém, quiser dizer o que é um certo homem di-lo-á mais precisamente enunciando a espécie do que o gênero, e produzirá um conhecimento ainda mais claro enunciando que é um homem do que enunciando que é um animal; qualquer outra coisa que se dissesse seria uma explicação estranha, como por exemplo se dissesse que é branco, ou que corre, ou qualquer outra coisa deste gênero; é portanto, razoável que, de todas outras coisas, apenas destes, i.e., dos gêneros e das espécies, se diga que são substâncias (ARISTÓTELES: 2000, 5, 2b 30-35).

Dito isso podemos concluir que “juízo e proposição constituem a forma mais elementar do conhecimento, aquela forma que nos faz conhecer diretamente um nexos entre um predicado e um sujeito” (REALE: 2007, pág. 148). A questão que se põe agora é: o que determina se uma asserção é verdadeira ou falsa, i.e., qual o critério para determinar se uma declaração é verdadeira ou falsa? “De fato parece que o mesmo juízo pode ser verdadeiro e falso, como acontece se for verdadeiro o juízo de alguém está sentado, tonando-se falso este mesmo juízo quando essa pessoa se levanta” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 4b 35). Para Aristóteles o critério para determinar a verdade ou falsidade de uma declaração é a correspondência entre o que é dito e a o que é de fato, “pois é pelo fato de a coisa ser ou não ser que o juízo é verdadeiro ou

falso (...)” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 4b 5-10), e nessa correspondência o fato tem prioridade sobre o que é dito, pois é a declaração que deve corresponder aos fatos e não o contrário, “de fato o juízo de que alguém está sentado permanece o mesmo e é porque a coisa muda que ele se torna ora verdadeiro ora falso” (ARISTÓTELES: 2000, 5, 4a 35).

A tese de que a verdade da proposição é sua correspondência à realidade, implica que não há identidade (sinonímia) entre pensamento e realidade, e segundo Aristóteles realmente não há, o que de fato existe é uma relação de semelhança (homonímia) entre o pensamento e a realidade. Segundo Aristóteles as coisas escritas (*graphomena*) simbolizam as coisas ditas (*legomena*), assim como as coisas ditas significam as coisas na alma (*pathometa*) e as coisas na alma por sua vez se assemelham as coisas na realidade (*pragmata*), os fatos<sup>4</sup>. Consequentemente existe uma relação de semelhança (mas não de identidade) entre as palavras e as coisas em Aristóteles. A linguagem (escrita ou falada) simboliza o real, “o símbolo não toma o lugar da coisa, já que não há semelhança completa, ele exprime tanto ligação como distância” (OLIVEIRA: 2006, pág. 29).

É na proposição (combinação de categorias) assertiva que há verdade ou falsidade, e é somente esse tipo de proposição que para Aristóteles nos interessa analisar para definirmos o critério da verdade ou falsidade do que é declarado,

nem toda declaração é assertiva, mas somente aquela em que ocorre a verdade ou falsidade; e não é sempre que acontece, por exemplo, a oração é uma afirmação, mas não é nem verdadeira nem falsa. Deixemos, portanto, de lado essas outras - já que seu exame é mais próprio da retórica ou da poética - pois o objeto deste estudo é a declaração assertiva (ARISTÓTELES: 1995, 4, 17A 25)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> “Assim, pois, o que há no som são símbolos das afecções que há na alma, e a escrita é símbolo do que há no som. E assim como as letras não são as mesmas para todos, tampouco os sons são os mesmos. Agora, aquilo que essas coisas são signos primordialmente, as afecções da alma, são as mesmas para todos, e aquilo que estes sons se assemelham, as coisas, também são as mesmas” (ARISTÓTELES: 1995, 1, 16a 5). (“Así, pues, lo <que hay> en el sonido son símbolos de las afecções <que hay> en el alma, y la escritura <es símbolo> de lo <que hay> en el sonido. Y, [5] así como las letras no son las mismas para todos, tampoco los sonidos son los mismos. Ahora bien, aquello de lo que esas cosas son signos primordialmente, las afecções del alma, <son> las mismas para todos, y aquello de lo que éstas son semejanzas, las cosas, también <son> las mismas” (ARISTÓTELES: 1995, 1, 16a 5).)

<sup>5</sup> “no todo enunciado es assertivo sino <sólo> aquel en que se da la verdad o la falsedad: y no en todos se da, v.g.: la plegaria es un enunciado, pero no es verdadero ni falso. Dejemos, pues, de lado esos otros —ya que su examen es más propio de la retórica o de la poética—, ya que <el objeto> del presente estudio es el <enunciado> asertivo.” (ARISTÓTELES: 1995, 4, 17A 25)

Por exemplo, a proposição “a cadeira é de madeira”, é uma proposição assertiva, e declara uma sentença afirmativa, “isto é x”, e o critério para determinar se a cadeira é de madeira é a correspondência entre a proposição e a cadeira de fato, se ela é ou não é de madeira, se a cadeira em questão for de madeira a proposição é verdadeira, mas se pelo contrário não for de madeira, a proposição é falsa.

É somente devido à semelhança (*homonímia*) entre o que é dito ou escrito e as coisas como elas de fato são que podemos ter como critério de verdade a correspondência, caso não houvesse essa semelhança seria impossível determinar quais proposições são verdadeiras e quais são falsas, pois segundo Aristóteles apesar das coisas escritas e ditas serem distintas entre os vários povos (a diferença entre as línguas), “aquilo que as coisas são signos primordialmente, as afecções da alma, são as mesmas para todos, e aquilo que estes sons se assemelham, as coisas, também são as mesmas” (ARISTÓTELES: 1995, 1, 16a 5)<sup>6</sup>. Os fatos são os mesmos para todos, portanto o critério adequado para determinar a falsidade ou verdade de toda proposição assertiva.

## 6 CONCLUSÃO

Segundo Lucas Angioni “por predicação, entende-se o enunciado que (1) possui a forma ‘S é P’ ou alguma forma equivalente e redutível àquela, (2) pretende reportar-se a fatos dados no mundo e, assim, apresenta-se como pretensão de constatação ou registro desses fatos – o que, como veremos, consiste em dizer que ela é uma pretensão de verdade” (ANGIONI: 2006, pág. 17). Dito isto podemos concluir que Aristóteles estabelece nos capítulos dos livros abordados tanto o *princípio da composicionalidade* quanto a *teoria correspondencial da verdade*.

No *Das Categorias* Aristóteles afirmou que das coisas que são dizemos por composição ou sem composição. As coisas ditas sem composição são as categorias, por sua vez as coisas ditas por composição constitui uma proposição. Dito isto é evidente que no *Das Categorias* Aristóteles decompôs as preposições nos seus elementos mais fundamentais, e dessa decomposição das preposições resultaram as

---

<sup>6</sup> “aquello de lo que esas cosas son signos primordialmente, las afecciones del ‘alma, <son> las mismas para todos, y aquello de lo que éstas son semejanzas, las cosas, también <son> las mismas” (ARISTÓTELES: 1995, 1, 16a 5).

categorias, os predicados. A verdade ou falsidade não está nas categorias isoladamente, mas na sua composição, por conseguinte, conhecer é predicar, isto é, combinar categorias. Esse é o *princípio da composicionalidade*, que afirma que o significado da proposição resulta da combinação do significado dos termos, que é uma composição de categorias.

Mas nem todas as proposições dizem o que as coisas são enquanto são, mas apenas as proposições assertóricas, que são as proposições que afirmam ou negam algo de algo, desse modo o livro *Da Intepretação* trata unicamente das proposições assertóricas, declarativas, e não das proposições poéticas ou retóricas, o que significa dizer que apenas o *logos apofântico* é objeto da lógica, pois somente ele tem, segundo Aristóteles, valor semântico. Cito:

(...) é a teoria dos enunciados cuja função essencial é constatar estados de coisas, ou seja, os enunciados que se caracterizam pela pretensão de verdade. Aristóteles chama tais enunciados que pretende declarar ou mostrar um estado de coisas, ou seja, um enunciado que se define essencialmente pelo propósito de constatar uma situação dada no mundo. Se a situação proposta no enunciado realmente se apresenta no mundo, o enunciado é verdadeiro. Se a situação proposta no enunciado não se apresenta no mundo, o enunciado é falso (ANGIONI: 2006, pág. 20).

A proposição assertórica é denotativa, diz o que as coisas são, afirmando ou negando algo de algo, ou seja, diz algo a respeito de algo (*leigen tí katá tínos*). O critério para determinar se o que foi declarado é verdadeiro ou falso é a *correspondência* entre o que foi dito e o que de fato é, o que é possível porque as coisas ditas e escritas são semelhantes as coisas de fato, conseqüentemente a correspondência é o critério da verdade. Essa é a *teoria correspondencial* da verdade, segundo a qual uma proposição é verdadeira se e somente se corresponde à realidade de fato.

## REFERÊNCIA

ANGIONE, Lucas. **Introdução à Teoria da Predicação em Aristóteles**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.

ARISTÓTELES. **Das Categorias**. Introdução, tradução e notas de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instiuto Piaget, 2000.

\_\_\_\_\_. **Segundos Analíticos, Livro I.** Clássicos da Filosofia: Cadernos de tradução n° 07. Tradução, introdução e notas de Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

\_\_\_\_\_. Sobre la Interpretación. In: **Tratados de Lógica (Órganon).** Introducción, traducciones y notas de Miguel Candel Sanmartín. Madrid: Editorial Gredos, 1995.

OLIVEIRA, Manfredo. **Aristóteles:** a Linguagem enquanto Símbolo do Real. In: Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Grega e romana volume IV:** Aristóteles. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

## **SOBRE O AUTOR**

### **John Karley de Sousa Aquino**

Mestrando no programa de pós-graduação em Filosofia da UFC. Bolsista da CAPES.

**Contato:** johnksousa@gmail.com